

EDITORIAL

Em sua edição 46.2 a Tempo psicanalítico inaugura sua plataforma on-line, no site revista.spid.com.br. Digitalizando a revista, contribuímos à democratização do acesso ao conhecimento e inauguramos uma nova fase com o objetivo de, ao longo do tempo, tornar disponível *on line* todas as suas edições.

Os artigos desta edição abrangem temas diversos a partir de suas articulações psicanalíticas, demonstrando a importância da psicanálise para a compreensão de fenômenos tão variados como as toxicomanias, no artigo “*A aliança do supereu com a pulsão de morte no uso de drogas*”, de Alexandra Vianna, e as manifestações de junho de 2013, no artigo “*Psicanálise, Estado e grandes manifestações de rua*”, de Oswald França. A variedade dos temas abrangidos pela psicanálise, longe de constituir aquilo que Freud havia qualificado de *Weltanschauung*, a “visão de mundo” que seria, para o psicanalista, própria à filosofia, demonstra uma inquietude que caracteriza o campo psicanalítico que, se permanece crítico a respeito dos sonhos de totalização dos saberes, não pode se contentar com o meramente particular. Por isto a relação intrínseca entre pensamento e fracasso da consciência, que tanto marcou as reflexões de Freud, a “potência do negativo” que consiste em transformar aquilo que a consciência experimenta como fracasso em processo da verdade e em um conceito renovado de liberdade.

Desta foram, além das reflexões sobre as toxicomanias e as manifestações de junho, oferecidas pelos autores já citados, encontramos no artigo de Ricardo Salsztrager, “*A memória entre intensidade e representação*”, investigações sobre a impossibilidade da memória em abarcar uma dimensão insubordinável à representação psíquica, aquela da intensidade, que constituiria um limite aos processos de elaboração e memorização elencados por Freud como protocolos de cura.

Nos artigos de Carolina Rodriguez Alves de Souza e Daniel Menezes Coelho (“*Ideais e perversidades em jogo nas Políticas Públicas de Assistência Social: uma leitura psicanalítica dos valores e práticas*”), Joyce

Marly Gonçalves Freire e Mário Eduardo Costa Pereira (*A construção metapsicológica do Sinthoma na obra lacaniana a partir da escrita de James Joyce*), Pedro Laureano e Wilson Camilo Chaves (*Elevar a Coisa à dignidade dos objetos: a ética de Lacan entre a proibição e o impossível*) trata-se, respectivamente: da relação entre o conceito metapsicológico de denegação perversa e as políticas públicas de assistência à infância; das transformações na forma como Lacan compreendeu a psicose, propondo em 1973 o conceito de *Sinthome*; da passagem, também no pensamento de Lacan, da categoria de proibição àquela de impossível.

Os artigos “*Freud maçom: a sua loja Wien não seria de fato sua splendid isolation?*”, de Francisco Martins, “*Viena, Áustria: notas sobre o contexto de emergência da psicanálise*”, de Monah Winnogradd, “*Reflexões sobre crise e estabilização em psicopatologia fundamental*”, de Carmen Sílvia Ávila e Manoel Tosta Berlinck, “*Sobre a inserção e o lugar do psicanalista na equipe de saúde*”, de Maria Livia Tourinho Moretto e Léia Prizskulnik, trazem contribuições importantes sobre o contexto histórico e as ascendências judaicas do pensamento de Freud, além de reflexões sobre a diferença trazida pelo psicanalista nas equipes de saúde de hospitais e em suas relações com a psiquiatria.

Nesta edição, publicamos duas resenhas, mantendo o objetivo desta seção da revista: divulgar livros relevantes de autores da psicanálise brasileira. É o caso de duas publicações de Glauca Dunley e Eduardo Rozenthal, “*Superações do pós-moderno: clínica e crítica da cultura*” e “*O ser no gerúndio: corpo e sensibilidade na psicanálise*”, ambos tratando o desafio que ao qual a psicanálise nunca pode se furtar: problematizar o presente e ler, em seus impasses, as linhas de sua superação.

Boa leitura!